

HOMILIA DO REVERENDO DR. PEDRO TRIANA

6to Domingo depois de Pentecostes

“Viver e andar segundo o Espírito”¹

Textos:

1ra leitura: 1 Reis 19,15-16.19-21

Salmo 16

2da leitura: Gálatas 5,1.13-25

Evangelho: Lucas 9,51-62

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Com esta afirmação radical, Pablo se dirige à dividida comunidade dos gálatas, no meio da disputa e da controvérsia sobre a circuncisão ou a não circuncisão. E gostaria refletir a partir desse texto da Carta aos Gálatas, lido hoje como segunda leitura, que nos desafia desde a experiência do discipulado, à total “liberdade” para seguir àquele que permanentemente nos chama “à liberdade” de nos fazermos servidores uns dos outros (Gl 5,13), animados pelo Espírito que deve desatar em nossa vida o fruto do amor (Gl 5,22), e que se concretiza por meio de ações espirituais que afetam nossa vida e nossa história, como indivíduos e como Igreja.

Hoje, quando como Igreja Episcopal Anglicana do Brasil nos reunimos para pensar e sonhar nosso futuro, nosso sentido de missão, nossa unidade e nosso sentido de comunhão, gostaria, a partir desse texto da Carta aos Gálatas, refletir sobre o que significa viver segundo o Espírito, ou ter o Espírito de Deus, ou viver e andar em Espírito; e como um derivado de Espírito, como entender a espiritualidade.

Primeiramente diria que o termo “espiritualidade” é um termo estranho ao mundo bíblico. No Antigo Testamento o “espírito” é o “vento forte que irrompe com estrondo”, em hebraico «ruah», que significa a força da palavra e da energia criadora e vivificante de Deus (cf. Gn 1,1).

Portanto, o Espírito, bíblicamente falando, é aquilo que é produz vida, que está presente em tudo [...] O espírito se move em todas as coisas, penetra em tudo, recreia e faz a terra, e «espiritualidade» é captar esse movimento do mundo, seu dinamismo, a presença do Espírito em tudo e em todas as coisas. Por isso, o Espírito em termos bíblicos não é tranquilidade ou calma. É o vendaval, o vento forte, aquilo que cria que desestruturar a ordem ou a desordem estabelecida e inventa e recria o novo (Leonardo Boff).

E em sintonia com o anteriormente dito, viver segundo o Espírito, e andar em Espírito, é a definição paulina da vida cristã; definição que alcança sua culminância na Carta aos Romanos.

Segundo o capítulo 8 da Carta aos Romanos, que constitui um verdadeiro tratado de espiritualidade, o ser humano carnal é aquele que está orientado em corpo e alma à morte; e o ser humano espiritual é aquele que está orientado em corpo e alma para a vida. De maneira que espiritualidade significa viver e andar segundo o Espírito, ou seja, ter a vida orientada totalmente para a vida. Na visão paulina o ser humano espiritual é aquele que tem o Espírito

¹ Homilia/reflexão pelo Rev. Dr. Pedro Julio Triana Fernández, Coordenador de Formação Permanente e da Área II (CEA/IEAB) na celebração de encerramento do INDABA SINODAL da Área I, Matriz do Nazareno/Livramento/RS, no domingo 30 de junho de 2013.

de Cristo e vive e anda em Espírito; e se alguém não tem o Espírito de Cristo; se não vive e anda em Espírito, não é um verdadeiro cristão ou uma verdadeira cristã.

Mas caberia nos perguntarmos: Qual é o espírito de Cristo? Ou, o que significa ter o Espírito de Cristo? Segundo a tradição evangélica significa: *“Levar boas notícias aos pobres, anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, libertar aos que estão sendo oprimidos”*, como proclamou Jesus em seu discurso programático na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,16-21). E também quando disse a seus discípulos *“o Filho do Homem não veio a ser servido, senão a servir e a dar sua vida para salvar muita gente”* (cf. Mt 20,28).

Então, ter “o Espírito de Cristo”, é ter consciência da ação transformadora de Deus em nosso mundo, e, sobretudo, ter consciência, como pessoas e como Igreja, de nossa responsabilidade de ser também fermento de transformação.

Por isso, o ser humano “espiritual” não é aquele que busca Deus afastado de sua realidade, senão aquele que busca e experimenta Deus na construção da vida e se une à ação transformadora de Deus no mundo.

Dessa maneira, a vida segundo o Espírito, ou a vida em Espírito, se faz uma realidade na prática do amor, como nos fiz o texto da Carta aos Gálatas; e como consequência, na prática da solidariedade, do compromisso evangélico com o fazer justiça, de sermos fazedores da paz. E essa prática do amor se alcança sendo, também, fermento de unidade, de fraternidade, de solidariedade, de esperança e de comunhão.

Assim, a espiritualidade, que na visão paulina significa ter o Espírito de Cristo, viver e andar em Espírito, é um estilo ou forma de viver a vida cristã; é um dinamismo que nos deve projetar a ações concretas em compromisso com o projeto de Jesus para com os empobrecidos, os fracos, os oprimidos, os marginalizados. Por isso a espiritualidade não pode se considerar como algo oposto à realidade, senão que precisa encarnar na realidade e passar de maneira prática e particular através dos relacionamentos de serviço para com o próximo, a comunidade, e a sociedade; porque, caso contrário, não caminharemos em Espírito, não teremos o Espírito de Cristo, e se não temos seu Espírito não poderemos nos chamar verdadeiramente cristãos.

O teólogo Karl Barth costumava dizer que para sermos bons cristãos precisávamos ler tanto a Bíblia quanto o jornal de cada dia. Precisamos de ambos para praticar a fé cristã. Sem a Bíblia, sem as afirmações cristãs não podemos compreender e dar uma resposta cristã as realidades de hoje. No entanto, o segundo também é verdade; porque sem ler o jornal diário, sem escutar a voz das ruas e do povo, não podemos viver de verdade a prática da fé, e fazer que a Bíblia se faça palavra de Deus para hoje; nem viver uma vida cristã que dei uma resposta relevante aos desafios do presente.

Mas gostaria clarificar, que na prática cristã o próximo não é aquele que está perto de nós, ou seja, o outro ou a outra, senão realmente aquele ou aquela que se aproxima ao outro ou à outra. Nós nos fazemos “próximo” ao nos aproximarmos ao outro ou a outra, ao tomar uma iniciativa pessoal de aproximação escuta e solidariedade.

E esta iniciativa ou movimento para o outro ou a outra, corresponde ao próprio modo da revelação de Deus na Bíblia. Então, o seguimento de Jesus, em correspondência com a fé bíblica, implica tomar essa iniciativa de aproximação e solidariedade. Toda pretendida espiritualidade intimista e orientada para nós mesmos ou para a Igreja como centro de tudo, é o contrário da proposta paulina de “viver e andar segundo o Espírito de Cristo”.

Espiritualidade é o encontro com o Deus vivo no dia-a-dia; é deixar-nos queimar pelo fogo transformador do Espírito. Transformação que significa aceitar renovarmos e apresentar sempre um rosto renovado, como pessoas, e como Igreja.

“Viver segundo o Espírito” é orar e trabalhar para que venha o reino da justiça e da paz; porque a oração e o serviço não são dimensões diferentes da vida no Espírito. A oração, como parte do ser espiritual não é uma evasão, senão um modo fundamental de caminhar em Espírito e de nos apropriarmos do Espírito de Jesus, para estar sempre disponíveis para o encontro com a glória de Deus na construção da vida e no compromisso concreto com todo o que produz vida.

Agora, e um pouco para provocar e desafiar, neste final de nosso encontro INDABA SINODAL da Área I da IEAB, arrisco, e peço licença para fazer uma reflexão final.

Para ninguém é segredo que, sem dúvida, o Brasil de hoje não é nem será mais o Brasil de quatro ou cinco semanas atrás. E como Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, quando pensamos hoje nosso sentido de missão, nossa espiritualidade, nosso sentido de unidade e nosso sentido de comunhão para a transformação da vida, temos o desafio como cristãos e cristãs e como IEAB de dar uma palavra profética ante esse novo Brasil que se levanta; de dar uma palavra profética ante os anseios e reclamos por justiça, saúde, educação, segurança, de fim da corrupção e de igualdade, que ecoaram pelas cidades de todo o Brasil nos últimos dias.

Portanto, para poder viver e caminhar hoje em Espírito, penso, que como cristãos e cristãs, como parte da sociedade civil, e como Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, se faz necessário recobrir as ruas, os caminhos e as estradas com a esperança e a coerência entre fé e vida; em repensar e proclamar como Igreja os valores evangélicos de solidariedade, justiça e fraternidade, com a alegria de sermos missionários na promoção e na transformação da vida, no Brasil de hoje, em sintonia com o “Espírito de Jesus”.

E quero terminar esta breve reflexão com as desafiantes palavras de um grande místico do século XI, Bernardo de Claraval. Bernardo em seu comentário ao Cântico dos Cânticos, disse: *“O Espírito de Deus é como o vento que vai e vem. Nunca para. E se interiormente e em tua vida te acomodas e deixas de evoluir, não somente te afastas Daquele que nunca para, como que Ele mesmo se afasta de ti”*.